



Ao ler a obra de Paulo Coelho por um prisma científico, tomando como fundamento a Teoria da Literatura, Regina Lúcia de Araújo lança um novo olhar para seus textos, desprezados pela crítica especializada. É como texto literário, pertencente à literatura de massa, que esse trabalho aborda as narrativas de Paulo Coelho e contempla também a forma de ficção didática e alegórica em que elas se enquadram. Enfim, a autora pretende nos ensinar que

“Viver é nos separarmos do que fomos para adentrarmos no que vamos ser, futuro sempre estranho.”

Octavio Paz

REGINA LÚCIA DE ARAÚJO

PAULO COELHO
O SIGNO DA LENDA PESSOAL



Houve um tempo, na história do homem, em que misticismo e ciência não eram formas antagônicas de perscrutar o desconhecido, mas aliadas do desejo primordial de entender e de explicar os fenômenos, como também de atuar para transformá-los. As narrativas míticas, simbólicas e religiosas, bem como o discurso filosófico estão centrados nessa busca eterna do ser humano de compreender para além do que vê ou sente. Com a primazia do mundo racional, somente a ciência passou a deter o poder do entendimento, sendo apenas a ela imputada a capacidade de encontrar a verdade por meio de comprovação científica. Essa forma de conhecimento atravessou os séculos e ainda hoje predomina, especialmente no pensamento filosófico ocidental.

A despeito desse predomínio, tem-se hoje um movimento que propõe a retomada da unicidade, dos discursos interdisciplinares – uma ciência aberta a outras formas de conhecimento. Esse é um novo paradigma em que predomina uma leitura holística do mundo. Alguns cientistas já têm abertura suficiente para compreender que não é possível abarcar o conhecimento por apenas um viés, há outras forças atuando no Universo e na Consciência do homem.

Paulo Coelho: o signo da lenda pessoal nasceu da tentativa ousada da autora de romper com os preconceitos da Academia com obras, autores e temáticas que não coadunam com suas convenções. Regina Lúcia de Araújo abre um novo campo de pesquisa, transpondo as barreiras tradicionalistas que só aceitam no espaço da Universidade o Cânone e desconsideram qualquer texto que aborde o assunto esoterismo.

A autora não leva em conta somente o fenômeno editorial, o que não é critério para considerar um texto literário, mas também não o ignora, pois ele é um indício de que há algo nessa obra que merece uma leitura crítica. O que norteia seu estudo é especialmente o efeito dessa literatura em seu público: seu poder de encantar e influenciar leitores de culturas diversas com uma trama simples, mas permeada por um discurso que veicula temáticas universais.

Outro aspecto relevante em sua pesquisa refere-se a um veio, pouco explorado pela crítica, que a autora denomina “literatura com fundo esotérico”. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais, integrando, assim, duas formas de conhecimento ainda separadas no meio acadêmico: a ciência e o misticismo. Em seu trabalho, Regina Lúcia defende a importância de uma obra que dissemina em diferentes espaços culturais o mito da lenda pessoal e mobiliza os leitores a trilharem o caminho do iniciado.

Helen Suely Silva Amorim

Professora do Departamento de Letras – UCG



Rua 226, Setor Universitário
Biblioteca Central da UCG
Térreo. Fone: (0xx62) 227 1080
www.ucg.br/editora
Goiânia, Goiás

PAULO COELHO O SIGNO DA LENDA PESSOAL

Regina Lúcia de Araújo

Rua S-6, nº 154 Apt.º 603 Ed. Tauari
S. Bela Vista, Goiânia-GO, CEP 74823-470
Tels.: (62) 275-4067 / 242-9426
E-mail: reginaja@hotmail.com

Regina Lúcia de Araújo

**PAULO COELHO
O SIGNO DA LENDA PESSOAL**



Universidade Católica de Goiás Conselho Editorial

Chanceler
Dom Washington Cruz, CP

Reitor
Prof. Wolmir Therezio Amado

Coordenador Geral da Editora da UCG
Prof. Gil Barreto Ribeiro

Presidente
Prof. José Nicolau Heck

Prof. Athos Magno Costa e Silva (SER)
Profª. Danya Ribeiro Moreira (FONO)
Prof. Eduardo José Reinato (HGSR)
Prof. Eduardo S. de Albuquerque (CMP)
Prof. Gustavo Neiva Coelho (ARQ)
Prof. Lorismário Ernesto Simonassi (PSI)
Profª. Máira Barberi (BIO)
Profª. Marília Gouveia de Miranda (EDU)



Goiânia, GO
2004



© 2004 by Regina Lúcia de Araújo

Editora da UCG
Av. Universitária, 1440. Setor Universitário.
CEP. 74.605-010. Cx. Postal 86 – Goiânia – GO.
Secretaria e Fax (62) 2271814 – Revistas (62) 2271815
www.ucg.br/editora

1ª impressão - 2003

2ª impressão - 2004

Comissão Técnica

Gabriela Azeredo Santos

Preparação de Originais e Revisão

Ana Amélia Ramos Amaral

Regina Lúcia de Araújo

Revisão

Revisão final da autora

Biblioteca Central da UCG

Normalização

Mauro Rocha

Edição Eletrônica

Félix de Pádua

Capa

Laerte Araújo

Produção Gráfica

A663p Araújo, Regina Lúcia de
Paulo Coelho: o signo da lenda pessoal / Regina Lúcia de Araújo. – Goiânia :
Ed. da UCG, 2003.
148 p.

ISBN: 85-7103-202-5

1. Literatura brasileira – análise crítica. 2. Teoria literária. 3. Paulo Coelho –
ficção didática. 4. Esoterismo. I. Título.

CDU 130.31
821.134.3(81)312.2.09

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2004

Agradeço o aprendizado ao longo desta caminhada
de busca, prenhe de inquietações, escolhas, investigações,
dúvidas, acertos e desacertos.

O apoio de amigos, de familiares, de colegas e do
professor Gil Barreto...

A energia cósmica, pela bênção do cumprimento
deste trabalho.

Aos meus filhos,
netos e a meu companheiro, Aleixo,
bênçãos em minha existência.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	35
1 O DISCURSO FICCIONAL EM PAULO COELHO: A LINGUAGEM LITERÁRIA	43
2 OS SÍMBOLOS E O FUNDO ESOTÉRICO NA OBRA LITERÁRIA DE PAULO COELHO	65
3 O MITO NA POÉTICA DE COELHO	77
4 A ALEGORIA	89
5 DIDATISMO E PSICOLOGISMO DECORRENTES DA FOCALIZAÇÃO	93
6 O SIGNO DA LENDA PESSOAL E A TEORIA DO EFEITO	101
7 A CONSTRUÇÃO DO LEITOR IMPLÍCITO	105
8 RELAÇÕES DE PAULO COELHO COM A LITERATURA DE MASSA	109
CONCLUSÃO	133
REFERÊNCIAS	139

A lenda pessoal é aquilo que você sempre desejou fazer. Todas as pessoas, no começo da juventude, sabem qual é sua lenda pessoal. Nesta altura da vida, tudo é claro, tudo é possível, e não temos medo de sonhar e de desejar tudo que gostaríamos de fazer.

Entretanto, à medida que o tempo vai passando, uma misteriosa força começa a tentar provar que é impossível realizar a lenda pessoal.

Esta força que parece ruim, na verdade está ensinando a você como realizar sua lenda pessoal.

Está preparando seu espírito e sua vontade, porque existe uma grande verdade neste planeta: seja você quem for, quando quer com vontade alguma coisa, é porque este desejo nasceu na alma do universo.

É sua missão na terra.

Paulo Coelho

APRESENTAÇÃO

Procurarei esclarecer alguns pontos que ajudarão o leitor a entender o tipo de construção intelectual que está subjacente à construção mental de obras como as de Paulo Coelho, objeto deste livro.

Tenho de reconhecer as dificuldades e o desafio de se fazer um estudo “acadêmico” deste tipo de obra literária. Chamarei a atenção do leitor para com algumas peculiaridades do trabalho de Coelho e levantarei uma série de “questões” pertinentes à análise do trabalho do escritor.

Espero que estas considerações adicionais ajudem a clarear o campo de estudo, na medida em que Regina Lúcia de Araújo concentrou seu esforço na procura de sistematizar uma análise das narrativas de Coelho e o seu interesse mobilizará o leitor para uma interpretação e categorização deste tipo de obra. As dificuldades são grandes, mas não insuperáveis, como o seu trabalho demonstra.

Bem, para iniciar, necessito situar o leitor quanto ao processo psicológico/vital, que está subjacente ao pensamento humano, discutindo peculiaridades do processo criativo dos autores.

Para tanto esclarecerei alguns pontos fundamentais, pois as características de cada tipo de obra – no caso, literária – dependem:

- 1 - do tipo psicológico do autor
- 2 - da orientação – extrovertida ou introvertida – do funcionamento de sua consciência.

Como Carl G. Jung afirmou: “Resta agora à humanidade (que já explorou quase todo o planeta Terra) duas grandes aventuras: uma, é o mergulho no imenso espaço sideral (extrovertida) e, a outra, é o mergulho no também imenso espaço íntimo (introvertida)”. Esta última traduz uma tendência predominante na religião, na ciência e na literatura oriental, enquanto a primeira traduz uma característica de *outra* orientação da consciência, desenvolvida no Ocidente.

Podemos representar essas tendências, como os “antigos” faziam, em uma imagem: a da cruz. O eixo horizontal representa a expansão da consciência no conhecimento (explicação, manipulação, controle) do mundo objetivo; enquanto o eixo vertical representa a evolução da consciência na compreensão do papel do homem no todo, no plano cósmico/universal.

No sentido horizontal, encontramos o eixo da expansão consciente/espacial/territorial da consciência humana (e seus típicos desafios); enquanto no sentido vertical, encontramos o eixo da expansão espiritual/temporal/vida/morte (e seus peculiares desafios).

Para esse momento da humanidade, de intelectualidade tão desenvolvida e especializada, pode parecer que uma “construção mítica/simbólica/religiosa” possa ser estruturada apenas a partir de alguma esquematização intelectual/lógica/verbal/construtivista – no sentido de uma manipulação intelectual e intencional de significados, com propósitos e intencionalidades preestabelecidas. Todavia, precisamos notar que é justamente esta a característica do pensamento dirigido – controlador, estruturativo e manipulativo – que representa o plano consciente humano (moderno/Ocidental), enquanto o plano do qual emergem os mitos, é o plano inconsciente – com o peculiar funcionamento do pensamento silencioso (imagens, símbolos, sensações, intuições, religiosidade, fantasias...). O mito é (ou pode ser) acolhido pelo plano consciente, mas não se origina nem se esgota nele.

As bases arcaicas dos mitos e das lendas estão enraizadas no passado da nossa espécie: poderíamos dizer que ele – o mito – tem a sua gênese no funcionamento do cérebro antigo, no funcionamento das estruturas neurológicas pré-conscientes, pré-verbais, não verbais e, portanto, dotadas de especializações, alcances e limites, que são diferentes daqueles manifestos através da função intelectual/dirigida/consciente.

Como sabemos, nem toda arte é verbal, e nem toda arte verbal representa unicamente o funcionamento intelectual. Faz-se necessário e apropriado, que procuremos desenvolver conceitos funcionais/descritivos adequados a cada tipo de orientação da consciência, já que depende deste fator – e do tipo psicológico do autor – o desenvolvimento de um tipo de temática, assim como a escolha de enredos, roteiros e tramas.

O processo do pensamento mítico, como vamos demonstrar, não constitui apenas um estilo de narrativa ou uma opção intelectual, mas representa, isto sim, um gênero de experiência dentro do universo existencial humano. Assim sendo, o produto de um mergulho nele, qual seja, a obra literária, representará os meandros e caminhos da consciência do autor em sua caminhada pela vida: a caminhada introvertida.

Trata-se, como pretendo demonstrar em poucas palavras, de uma *outra* orientação para o funcionamento mental, diferente do pensamento dirigido consciente.

O esforço na direção de sistematizar a literatura em gêneros e estilos é necessário e louvável, porém devemos tomar muito cuidado com o nosso pensamento classificatório, para não esquecer que a experiência do processo de criação pode ser fator determinante, no resultado de qualquer trabalho artístico.

Vamos então, primeiramente, ver o que é a construção mítica no pensamento humano, diferenciá-la do funcionamento do pensamento dirigido/intelectual e demonstrar o quanto é atual, urgente e necessária a compreensão e a integração (em cada um de nós) dos diferentes processos do pensar humano aqui descritos.

O estudo das narrativas míticas oferece dificuldades suplementares para o especialista tanto mais quanto maior for a sua especialização intelectual. Não nos recusemos a lembrar que a humanidade viveu, por milhares de anos, inteiramente submissa ao pensamento silencioso e não verbal. Ao fato de pertencerem ao alvorecer da humanidade e de serem antigas, as narrativas míticas hoje se associam a termos como primitivo/ultrapassado/anacrônico.

O homem se tornou capaz de pensamento no alvorecer da humanidade e o seu pensar ao meio-dia é diferente daquele do alvorecer, pois aquele guardava ainda raízes profundas na “noite inconsciente” da qual

ele emergia (se destacava e se tornava autônomo). A ainda forte conexão com o inconsciente se manifestou (e se manifesta) de inúmeras maneiras, por meio da mitologia/do espiritualismo/da religião/das práticas mágicas e a correspondente, e conseqüente, construção de uma visão de mundo, na qual o homem se via (vê) uno com Deus, uno com a natureza, como um elemento integrante de um todo.

Na contra mão desse processo integrativo, a força e o poder do Pensamento Dirigido, discursivo, controlador e manipulador do homem moderno geraram todo tipo de técnica, instrumentaram um certo domínio sobre o planeta e sobre a matéria, mas também geraram uma espécie de orfandade psíquica, pois o homem moderno sente-se cada vez mais desvinculado da natureza, do universo e de si mesmo. Por sua natural autonomia, o “pensamento do meio-dia” (consciente) perdeu progressivamente a conexão com o inconsciente, não reconhece a existência real de “sombras” e, devido a isso, a ilusão na qual ele vive e encontra conforto é a de que estas tenham desaparecido para sempre. O funcionamento intelectual consciente parece querer ver a si mesmo como desvinculado das “sombras incômodas do processo vital” e da “sujeira” das emotividades e dos instintos.

Esse tipo de pensamento (consciente), na sua recém conquistada autonomia, ainda sente, como muito viva, a ameaça de se ver, a qualquer momento, reabsorvido pelos processos de um *pensamento* vitalizado pelas forças mágicas do plano inconsciente.

Em nenhum outro lugar do mundo, além do continente europeu, este intelectualismo moderno (baseado na ilusão da Razão Pura, já dissipada pela psicologia profunda) conseguiu enraizar-se tanto. Como sabemos, a exportação dessa perspectiva iniciou-se com o expansionismo colonialista europeu, com a exportação de sua visão “oficial da fé e do papel do homem no universo” – portanto, resultado de um mito – culminando, quase inevitavelmente, com a destruição de outras mitologias, cosmogonias, religiões e culturas.

O mundo, conforme construído sob a perspectiva estrita do pensamento dirigido, nos traz algum conforto, porém aí reside o perigo de ficarmos presos a concepções “familiares e convenientes” e assim nos afastarmos do horizonte que nos aguarda, para além das fronteiras con-

fortáveis das construções e explicações que nutrimos a respeito de nós mesmos, a respeito do que somos, de nossas origens e da finalidade da existência humana. Alguns escritores se sentem vocacionados, devido ao seu tipo psicológico, a se aventurarem nessas paragens misteriosas.

O homem antigo (especialmente o europeu, na expansão territorial do século XVI e XVII) mitificou e projetou seus medos inconscientes nos imensos mares desconhecidos – hoje estes mares já foram literalmente escrutinados pela ciência do homem e estes aspectos da fantasia humana diante do desconhecido e diante da presença insuspeita e da existência real do plano inconsciente, em nosso imaginário, estão sendo projetados em figuras de extraterrestres, fantasmas, deuses e desencarnados, em seres estranhos que não são semelhantes, nem estão submissos ao nosso ponto de vista especificamente humano e que se traduzem, no mais das vezes, em uma realidade fantasmagórica e perigosa.

Esse constitui um processo inteiramente psicológicos e a necessidade do homem, de projetar-se no desconhecido, é inesgotável. É a mesma que o homem sente de revelar o oculto e de desbravar reinos, que estão além da compreensão do seu pensamento consciente/lógico/discursivo. Sempre haverá este choque. Por mais que expliquemos tudo e todos em nosso familiar mundo, basta levantarmos os olhos e veremos o imenso desconhecido diante de nós.

Do mesmo modo, basta que abandonemos os estreitos limites do nosso pensamento racional e discursivo para que possamos descortinar horizontes amplificados, de pensar e de interpretar o mundo, e que apontam o que está além daquilo que a gente possa explicar.

De modo geral, somos pouco gratos para com aqueles que, sendo tão inteligentes quanto qualquer ser diferenciado pode ser, criaram pérolas de compreensão para com os mistérios da vida.

O estudo dos mitos e das lendas tradicionais nos demonstra uma série de estruturas básicas, e é pena que aqui não seja a ocasião adequada para analisar essas estruturas de modo mais aprofundado. O psicólogo que trabalha com a psicologia profunda sabe da dificuldade de contextualizar e de conceituar um tal funcionamento mental.

O pensamento moderno, em que somos treinados indistintamente desde criancinhas, vê, no recurso ao pensamento simbólico/mitológico,

apenas uma regressão, possivelmente um retrocesso. Vê, neste acerrar-se do pensamento silencioso, apenas um incômodo e um prejuízo do qual ele deveria ter-se livrado definitivamente.

A defesa, um tanto radical, da autonomia (do pensamento dirigido) é compreensível e deve-se à natural fragilidade dessa independência do inconsciente, recém alcançada, à custa de um imenso e continuado desenvolvimento, ainda em curso. Contudo, não se justifica, pelo radicalismo das posições e dos pontos de vista assumidos, o sofrimento íntimo gerado pelo fato de que o pensamento dirigido vem perdendo a conexão natural com a fonte da criatividade, religiosidade e espontaneidade humanas. Sem a conexão com o inconsciente (a natureza em nós), o processo do pensamento dirigido fica circunscrito ao “mundo civilizado” e, portanto, limitado aos valores historicamente condicionados.

Há construções mentais conscientes com base na experiência viva da energia psíquica, de todos os tempos e de todas as épocas. Toda comparação entre os executores de um e de outro tipo de pensamento – estas diferentes “orientações da consciência” – acaba sendo motivo de confusão, discussões infundáveis e acaloradas, simplesmente porque quem segue uma orientação da consciência vê, e interpreta, *um mundo*, enquanto o pensador que segue a orientação oposta da consciência vê, e interpreta, *um outro mundo*.

A integração psicológica dessas diferentes VISÕES de MUNDO é, sem dúvida, algo que mereceria o nome REALIDADE, pois significaria a derrocada final de muitos pressupostos ilusórios, presentes e reais, a respeito de nossas pretensamente ilimitadas potencialidades conscientes.

Sagas e epopéias tiveram seu ápice, como forma de se contar uma história, em um período em que a transmissão era basicamente oral, na ausência da escrita formal. A transmissão do conhecimento, assim feita, era sempre associada a rituais não verbais, gestuais e cerimoniais. Essa “transmissão de informação” se dava, quase sempre, por meio da criação de uma situação piloto (ritualística), na qual se reunia a comunidade para comungar de um estado de consciência atingido, até então, pelos ancestrais e pelos responsáveis pela continuidade e preservação da cultura e da tradição daquele povo.

Desse modo, as crianças e os adultos se sentiam “pertencendo” (ao todo, à comunidade, à cultura local), em um estado de sintonia e de sincronia. Todos os envolvidos nessa experiência comungavam, então, daquelas “compreensões do vivido”, explicitadas pelos rituais, pelas danças e pelos cantos. Melhor, e mais profundamente, comungavam da obra todos aqueles capazes de “entendimento” do *sentido* e do *valor* vivencial implícito naquele ritual cerimonial.

Nossos índios tinham sua cosmogonia, sua gênese e explicação da natureza e do papel do homem no mundo. Os povos que aqui viviam, antes de a América ser invadida, em especial os da América Central e os incas da América do Sul, tinham sua versão a respeito de tudo e de todos, transmitida oralmente e preservada em ritos e mitos, que contavam sua história, sua origem e que eram demonstrações práticas da compreensão do mundo e de seu próprio povo.

No sentido individual, notamos que, em quase toda narrativa mítica, não por acaso, aparece o “mito do herói” e este carrega um dom, um talento especial; mas tem de passar por dúvidas e conflitos, precisando vencer algumas “provas” e sofrer bastante até descobrir alguma CHAVE ou SOLUÇÃO para a sua provação. Todos, indistintamente, nos vemos representados nessa contextualização. Com frequência, um dos desafios a serem superados é o da solidão, inerente ao fato de o mítico herói precisar desenvolver uma individualidade diferenciada, que permita o desabrochar dos talentos incomuns que nele despertam. Nessa tarefa, ele não tem companhia nem apoio e precisa ancorar, em si mesmo, nos seus potenciais emergentes, a fé e a esperança de que necessita para encontrar as soluções para os desafios da caminhada. Os testes, comumente, são os que a existência de todos nós coloca em nosso caminho. Os atos e as decisões do herói servem para que se esclareça um encadeamento ou uma sucessão de desafios, que se dão, frequentemente, em um plano desconhecido, que aguardava ser descoberto e revelado. A aventura, conforme vivida por ele, esclarece os passos do despertar da consciência do herói que, psicologicamente, se confundem com os do despertar da consciência individual. Assim se desenvolve a aventura introvertida, seus passos e encadeamentos.

Ele, o herói, tem de pagar o preço das capacidades, as quais o diferenciam do resto da humanidade. Ele tem, geralmente, de descobrir sozinho

a chave para o despertar do seu dom e, posteriormente, no pleno exercício do potencial mágico despertado em sua consciência, precisa usar seus poderes a serviço do bem de toda a humanidade, salvando-a de algum desafio – geralmente, do tipo que ronda a existência de todos os homens...

Encontramos esses componentes básicos, e outros, em conjuntos de narrativas altamente estruturadas, por exemplo, narrando a vida – e obra – de avatares como Buda, no Oriente, e Jesus Cristo, no Ocidente...

É dessa forma que, em geral, nasceram (e nascem) todas as “narrativas religiosas e míticas” – as sagas e odisséias – em “busca do Santo Graal”, “Gilgamesh”, “Doze trabalhos de Hércules”, assim como as narrativas do budismo Zen, do taoísmo e do hinduísmo. No Ocidente, marcou fortíssima presença a mitologia greco-latina, assim como os relatos bíblicos, de influência judaico-cristã.

A lista seria interminável, pois cada cultura amadurecida tem a sua própria construção mitológica, que retrata a sua compreensão (e superação) do vivido e do mundo em si.

Na maioria das vezes, essas narrativas metafóricas, lendas e fábulas resistem ao tempo e apresentam conteúdos vitais para a evolução moral e psicológica, servindo, em um sentido ideal, para o despertar, a evolução e transformação da consciência individual.

Em nossos tempos racionalistas, nos falta um mito diretor, alguma construção mítica que nos sirva de guia – na caminhada de cada um – ao longo da existência individual e que operacionalize um VALOR e um SENTIDO para o viver.

Nosso estado de desamparo mítico nasce da perda da conexão com o inconsciente, fonte da energia psíquica vital, quer como indivíduos, quer como cultura racionalista e presa aos limites estreitos da matéria, que, ironicamente, ainda não explicamos suficientemente. O físico ocidental David Moser afirmou que “partículas quânticas são os sonhos dos quais a matéria é feita”.

O psicólogo brasileiro, Pierre Weil, fez uma pesquisa e publicou um livro em que apresentou a diversos “grupos de sujeitos de um experimento intelectual” um conjunto de frases mítico-religiosas, misturadas a outras frases originárias de expoentes da física e da ciência moderna e

atual. Todas essas frases, não importando sua origem, discutiam empiricamente a natureza e o mundo.

Solicitava-se aos sujeitos do experimento que discriminassem a possível origem das afirmações – se científicas ou míticas – e a surpresa foi que muitas afirmações foram consideradas, pelos sujeitos, como científicas, mas provinham de mentes mítico-religiosas, e que muitas afirmações tomadas como mítico-religiosas provinham, em verdade, da comunidade científica. A lição que ficava é que a preocupação com o mundo empírico, assim como a criação de axiomas aplicáveis à vida prática não constituía um privilégio da ciência atual.

Lendas e mitos foram construídos, ao longo do tempo, por pessoas ou comunidades inteiras, traduzindo, no mais das vezes, uma construção coletiva, carregada de especificidades culturais e históricas, pois nada modificará o fato de serem homens interpretando o vivido a partir de seus recursos específicos, biológica e geneticamente herdados.

Em todas as culturas, de todas as épocas, a narrativa mítica (alegórica, servindo-se da parábola e estabelecendo uma analogia com a vida) foi muito importante, de forma a poder abordar temas complexos, sem se perder em um “processo discursivo e explicativo”, comum nos dias de hoje.

Temos de nos abster, ao menos momentaneamente, de nosso discriminador racional, ao abordar tais narrativas. Se não o fizermos, o “principal” será irremediavelmente perdido.

As sagas, especialmente as que se desenvolvem dentro do mito do herói – sempre a enfrentar desafios e provas em favor do bem comum –, são universais e traduzem a pertinência, mesmo em nossos dias, na literatura escrita e, sobretudo, na arte cinematográfica dessas elaborações conceituais míticas.

O fato de milhões de pessoas estarem dispostas a ler esses livros e a assistir filmes com essa temática, atesta a carência generalizada deste tipo de alimento simbólico e mítico, característico de certos estilos de narrativa. A seguir, aprofundarei mais essa análise.

No contexto mítico, quando as cenas são apresentadas literariamente, representam algo mais do que simples cenários ou ambientações. Representam “situações desafiadoras” que a todos atingem indistintamente; obstáculos e “tentações” típicas de um específico estágio de

desenvolvimento psicológico; enigmas e charadas típicas de algum tipo específico de ilusão, a ser superada.

Existe o homem, existe uma meta ou objetivo a ser realizado, existe a necessidade de identificar a direção (sentido e valor) que os atos do herói devam tomar e, em tudo isso, se promove a contextualização, a cenografia e então surgem “homens situados” diante de grandes desafios e expostos à necessidade de encontrarem respostas eficazes para os enigmas que a existência propõe.

Nessas narrativas, ao longo das peripécias narradas, as soluções para os enigmas e desafios propostos se constitui numa “lição”, que funciona como uma “receita de caminho”, ainda que cada decisão ou escolha feita, na caminhada existencial de cada um, seja pessoal e intransferível.

Essa “compreensão” vai além do falado e do escrito, pois ela reflete uma identidade comungada (projeção inconsciente) com o texto (podendo também ser de domínio público, de transmissão oral, popular ou anônimo), na medida em que a narrativa tenha sido feliz na descrição/contextualização de uma cena típica do existir humano, de todas épocas.

O preconceito intelectual moderno, com relação à narrativa deste tipo, representa bem o ponto de vista do pensamento dirigido e trata, com certa desconfiança, o pensamento mágico/simbólico, conotando-o como arcaico e, portanto, ultrapassado.

A ortodoxia do pensamento da época nutre preconceitos e censura qualquer exercício do pensamento mítico/simbólico/religioso. No entanto, a ilusão moderna baseia-se na noção arraigada de que estes funcionamentos – do pensamento humano – sejam radicalmente diferentes e inconciliáveis.

Essa ilusão o futuro terá de dissolver.

As perguntas primordiais da humanidade, como sabemos sobejamente, não se esgotarão com as explicações em voga, não se aquietarão com as explicações da moda, nem se calarão, pois a busca do conhecimento e da sabedoria é algo que vale a pena ser feito, todo o tempo, mas jamais terminará ou estará completa, pois o desconhecido sempre esperará por nós, escondido, sempre, claro, onde não supúnhamos que ele estivesse...

Esse apetite pelo desconhecido é natural e humano e não parece estar sendo satisfeito integralmente pelas religiões tradicionais, que, para o momento, parecem ter seus mitos centrais já um tanto esgotados.

Torna-se vital a descoberta de um novo mito para o homem contemporâneo.

Em todas as culturas, de todos os tempos, essa “descoberta” aconteceu em tempos de crise, quando a humanidade estava por mergulhar em um novo rumo, em um novo caminho, exatamente como nos dias de hoje, onde o esvaziamento mitológico da consciência prática do homem moderno cria um abismo interior amedrontador, traduzindo-se em uma espécie de “orfandade cósmica” e engendrando a busca de subterfúgios, como a busca ambiciosa de poder, de possessões materiais e de paixões fanáticas avassaladoras. O aumento da “drogadição” também pode ser entendido como uma tentativa desesperada de fugir aos limites prescritos de uma “vida consciente” limitadora, “sem graça” e aborrecedora.

A força natural (e universal) que a tudo une, e que amplia a visão e a consciência do homem, encontra-se enfraquecida e todos vemos mais as diferenças do que as semelhanças que nos unem, mesmo ao irmão, ao vizinho, aos ancestrais, aos amigos/companheiros de jornada...

Veremos primeiramente, o que é a construção mítica no pensamento humano, a diferenciaremos do pensamento dirigido e demonstraremos o quanto são urgentes e necessárias a compreensão e a integração (em cada um de nós) dos diferentes processos do pensamento humano aqui descritos. Temos também de considerar a participação íntima do leitor (ouvinte, espectador) no resultado.

As sagas mitológicas e lendas, alegorias e metáforas narrativas nasceram em épocas em que o intelecto do homem, ainda não tão especializado como o do homem moderno, apresentava uma interpretação do mundo diferente da que hoje é usual. E o fato de aparecerem com toda a sua força em épocas passadas não significa que perderam sua atualidade e força. O homem moderno é bastante responsivo a elas e, mais do que nunca, encontra-se carente do alimento psicológico que lhe proporcionam tais narrativas.

Na maioria das vezes, essas narrativas metafóricas, lendas e fábulas resistem ao tempo e apresentam conteúdos vitais para a evolução moral e psicológica, servindo, em um sentido ideal, para o despertar, a evolução e transformação da consciência individual.

Esse aspecto é muito importante de se ressaltar, pois quando as “peripécias” de uma narrativa traduzem uma cena universal, seu enredo discute os caminhos de realização e de escolhas pessoais demandadas pela necessidade de evolução psicológica (maturidade compreensiva) de toda uma cultura e também por parte do leitor que, envolvido pela significativa trama, vive e/ou revive as peripécias e pode, dessa maneira, comungar com o aprendizado coletivo, ao longo de todas as eras e ter o acesso facultado a uma “fonte de compreensão do universo e do papel do homem no contexto de uma integração com a criação divina”.

Os desafios enfrentados em cada vida individual são marcadamente semelhantes aos desafios que assolam toda a humanidade, incluindo-se a própria seqüência em que se apresentam; como se sabe, o fenotípico imita o genotípico (biologicamente); assim como a psique individual replica (e reaplica) a psique coletiva.

Simboliza-se – a citada ampliação das capacidades conscientes – quando se consegue, finalmente, “beber da água pura da fonte de toda sabedoria” ou “comer do fruto do bem e do mal”, em uma situação atemporal e descontextualizada do espaço geográfico. O leitor então consegue alimentar-se da universalidade de uma “informação” a ponto de ensejar uma comunhão, por parte deste, para com os “passos dados ao longo da caminhada humana” e para com as respostas encontradas ante os desafios propostos pela aventura, vulgo vida/existência...

É deste manancial (de consciência comungada) que brotaram e brotam todas as lendas e mitologias.

A narrativa mítica, quando assim construída, é a representação psicológica da caminhada de todos nós. Espelhamo-nos nela e identificamo-nos com a ação e a interpretação do mundo (por parte dos personagens e cenas ali representadas), assim como com os “princípios e valores” defendidos pelo homem mítico diante dos desafios típicos do existir humano. A mitificação dos personagens (antigos ou modernos) se deve à precisão na descrição dos desafios e das soluções encontradas, à medida que esta seqüência de acontecimentos (cenas) e de escolhas (por parte dos personagens) seja uma representação do vivido.

O que se nota é que exemplos de “iluminação pelo conhecimento existencial” ou pela sagacidade/engenhosidade das soluções alcançadas – em qualquer tempo histórico – se sustentam como exemplos de alternativas viáveis de solução de problemas e desafios típicos do desenvolvimento humano, tanto coletivo quanto individual.

Estes textos, assim construídos, induzem a uma “participação mística” do leitor na saga narrada e uma identificação projetiva com os personagens centrais retratados, de modo que é como se o leitor comungasse dos valores e decisões pertinentes aos protagonistas em cena e que, portanto, compreendesse seu *valor* e *sentido* universal.

Qualquer obra pode servir à manipulação intencional do leitor (ou do espectador) e esta potencialidade é hoje causa de muitas preocupações, especialmente pela uniformidade do pensamento de massa, que se está construindo por meio da mídia, de suas modas, seus valores e significações coletivizantes. Quanto menos o leitor estiver *individualizado*, mais susceptível ele será de ser “uniformizado” pelos controladores de opinião. O processo da imitação é bem mais antigo do que o complexo funcionamento da nossa capacidade de conscientização e a imitação, na nossa aprendizagem, se oferece quando somos ainda muito imaturos. Ela se instala, como método de aprendizagem, pela inadequação do indivíduo em traduzir o vivido em seu próprio íntimo, orientando-se de modo pessoal perante os desafios da vida. Devido às naturais dificuldades de se atingir uma diferenciação individual é que surge a aculturação, como fenômeno antropológico e social, ou a submissão de qualquer indivíduo ao “pensamento da época”, assim como aos valores de uma cultura de massas como a nossa.

Noel Rosa, interpretado magistralmente pelo MPB4, no CD que ouço agora, em homenagem à sua vastíssima obra, parece estar desejando participar desta nossa reflexão, cantando estes versos:

*O cinema falado
é o grande culpado
da transformação.
A gíria que o nosso
morro criou
bem cedo a cidade aceitou e usou.*

*Mais tarde o malandro
deixou de sambar
dando pinote
e só querendo dançar
o fox-trot.*

E, depois de me surpreender, de novo, com o acerto e a agudeza de sua intervenção, ainda completou mais adiante:

*Essa gente hoje em dia
Que tem a mania
Da exibição
Não se lembra
Que o samba
Não tem tradução
No idioma francês*

*Tudo aquilo que
o malandro pronuncia
com voz macia,
É brasileiro, já passou
De português.*

*Amor, lá no morro.
É amor pra chuchu,*

*As rimas do samba não
São I love You
E esse negócio
de Alô boy,
Alô Johnny,
Só pode ser conversa
de telefone.*

Continuando: o leitor, se visto como indivíduo ao longo do percurso (ou caminhada) de sua evolução pessoal (do desenvolvimento psicológico e do despertar de sua consciência), “bebe da fonte de iluminação” tanto mais, quanto mais “arquetípicos” forem os desafios aparecidos nas narrativas desta natureza. Esse modo de comungar uma consciência compreensiva é o funcionamento natural da evolução psicológica de uma cultura, que se expressa pela discussão dos valores essenciais, comungando de um valor e de um sentido para o existir humano, assim como do desenvolvimento de uma consciência madura a respeito do seu papel e presença no mundo.

Esse fenômeno ocorre em qualquer leitura – de qualquer tipo ou estilo de narrativa – desde que ocorra a identificação (positiva ou negativa) com os personagens – neste específico contexto, eles estão sendo entendidos como um veículo para a “comunicação” de valores universais.

Quando a literatura se aventura nesses terrenos, ocorrem diversos fenômenos dignos de nota, quer sob o ponto de vista do autor quer sob o ponto de vista de seu público.

Ocorre-me, nesta altura da argumentação, que podemos encontrar, no estudo da história da literatura, o predomínio sazonal dos “tipos psicológicos”, já que, assim como as pessoas possuem tendências típicas de funcionamento, também os autores, nos diversos movimentos literários, apresentam específicos estilos, gêneros, temáticas e modos de narrar seus livros. É interessante notar como um movimento literário mais imaginativo/fantástico costuma ser seguido por uma leva de escritores concretistas/materialistas. Estes constituem, via de regra, uma oposição rebelde às características do grupo representante do *status quo*. Quando a febre criativa do movimento renovador-entrante começa a se esgotar, o caráter imaginativo/fantástico será retomado pelos integrantes do movimento literário que se sucederá ao concretista, porém, sempre de uma forma modificada. Estas serão reincorporadas e reelaboradas em *outra* forma de ver, de narrar histórias ou abordar os temas. A temática acompanha essas alternâncias, oscilando, também, entre opostos, tipicamente.

Vistas em uma espiral no tempo, tais alternâncias poderiam ser descritas como ciclos de oposições e de sincretismos entre os estilos e temáticas, mas também traduzem a oscilação entre os opostos, típica do desenvolvimento humano, de qualquer tipo e em qualquer nível.

Nos dias de hoje valoriza-se apenas o autor e ninguém se lembra do processo vital que está subjacente ao intelecto, ao instrumento e à técnica, de qualquer tipo.

Modernamente, parecemos comungar com o paradigma de que toda obra nasce do plano consciente e intencional de seu autor. Não por acaso, premiamos a personalidade do autor e jamais nos lembramos de que o fato de alguém “beber diretamente da Fonte” pode oferecer surpresas, alternâncias e imprevistos ou fazer o homem criativo sentir que, às vezes, a obra se escreve ou se delinea um pouco por si própria.

Noel Rosa – neste exato momento – interpretado, desta vez, por Roberto Silva, parecendo teimar em participar desta nossa discussão, “assoprou” estes versos:

*Fazer poema lá na vila
é um brinquedo.
Ao som do Samba
Dança até o arvoredor
Eu já chamei
Você pra ver,
Você não viu porque
não quis.*

Quem é você que não sabe o que diz?

*A vila é uma
cidade independente
que tira samba, mas não
quer tirar patente.*

Obrigado mais uma vez, Noel Rosa!

Muitos autores relatam os efeitos da presença do inconsciente (e de sua pressão) em suas obras. Neste sentido o termo “pressão” denota a sensação de quem reconhece a participação de um “outro plano” em sua obra, de um componente inconsciente que permeia e se oferece ao

autor de modo sempre marcante, desde que o autor, é claro, se mostre permeável e acessível a esta experiência.

Naturalmente temos os escritores operários (técnicos e programados) e temos escritores mais “inspirados”, que precisam de uma grande “tombada da existência” para escrever um grande livro.

Na literatura ocorrem, igualmente, muitos testemunhos do tipo: personagens começam a dizer coisas por si mesmos, muitas vezes, de modo independente do pensar do autor, e ele, neste diálogo com os “outros que vivem dentro dele”, está instrumentando e sendo instrumentado, simultaneamente, pois é preciso ser, simultaneamente, autor e arauto, técnico e inspirado, metódico e disponível.

Nos autores extrovertidos este fenômeno se traduz no mundo observável, ou seja, nos outros, nos relacionamentos com pessoas diferentes, de tipos diferentes. Concomitantemente, nos de orientação introvertida, este fenômeno deixa de ser projetado no mundo objetivo e passa a ser reconhecido e exercido no diálogo com o universo íntimo e as representações que este possa oferecer.

De um modo, como de outro, pode ser identificada e percebida a presença da projeção inconsciente em todas as obras de arte, de qualquer tipo.

Livros inteiros podem aparecer como uma “missão” à qual o autor não consegue fugir ou se furtar. Estes “pedem” (quando não exigem!) para ser escritos e o autor só se liberta desta pressão, após ser veículo de expressão para algo que o induz, digamos, de um plano diferente daquele em que se desenvolve o seu pensamento consciente dirigido.

Livros inteiros são concebidos ou escritos em momentos de febre e de agonia, crises e separações, perdas e descobertas; ou seja, quando o nosso “robô de normalidade” (o “piloto automático” do campo consciente) encontra-se momentaneamente desorientado.

Aquela parte substancial, a do esforço consciente, da elaboração técnica e do planejamento narrativo pode e deve aparecer no resultado, porém com um peso mais relativo do que aquele que é hoje corrente, de modo a evitar uma mutilação do propósito original da intuição ou inspiração criativa. O autor é o primeiro a sofrer o impacto do que ele quer dizer ou narrar e se esforça para que este impacto chegue também ao

leitor, depois de muita adaptação e de usos de técnicas e recursos aprendidos na prática do pensamento discursivo.

Nesse sentido, o estudo da literatura é uma ciência humana e não deveria ser apenas um “assunto” do intelecto humano. A abordagem apenas intelectual daquelas áreas ou estilos literários que representam o plano vital e simbólico da humanidade é, reconhecidamente, um esforço de trazer, para conteúdos discursivos, valores e significados que não se originaram neste mesmo campo.

Os significados vividos pelo homem – as probabilidades que se transformam em realidade – traduzem, para o homem, o seu potencial (quer esteja, ou não, sendo exercido) e, portanto, extrapolam os limites do já aceito, do explicado, do justificado e do conhecido.

Ora, o fluxo criativo, que acomete qualquer artista conhecedor desta experiência, pode ser tão forte que a pessoa se veja possuída de uma espécie de paixão, de um tipo de possessão pelo inconsciente, que só se acalma quando aquele conteúdo, desejado e sonhado, começa a tomar forma física e se ver representado no resultado do trabalho. Só então, a pressão criativa parece arrefecer e dar lugar a uma elaboração menos “vitalizada”, do trabalho desenvolvido até aquele momento.

Qualquer pessoa pode treinar muito até dominar um INSTRUMENTO de EXPRESSÃO (como a mão, a voz, um teclado de computador, um violino, um piano, um pincel etc.); aprendendo, com muito esforço, justamente a não se esforçar tanto (!) para conseguir tirar do instrumento o que, de melhor, ele puder oferecer. Contudo, os compositores relatam que chega um momento em que se transformam em instrumentos, eles próprios, e sentem uma mudança na atmosfera do momento. É então que a criatividade se oferece.

Continuando a dar alguns exemplos de fora da literatura: o compositor alemão Wagner dizia que a sinfonia vinha como em uma “bola de som” e que ele tinha de ir desenrolando o seu conteúdo central – a música – como quem desenrola um novelo; aos poucos, retendo e acolhendo então os diversos movimentos e arranjos da obra.

Albert Einstein relatava que encontrava soluções para complexos problemas de matemática quando parava de se esforçar, em concentrar-se neles, e ia passear no jardim ou tocar violino. É bom lembrar que ele também disse que a vida é 99% esforço e 1% inspiração!

O “Beatle” McCartney afirma que “*yesterday*” veio à mente dele, completa, com arranjo e letra, parecendo um sonho.

Bob Dylan afirma que não se considera autor de “*blowing in the wind*”, pois ele sente, mesmo enquanto a interpreta, como se ela fosse folclore, ouvido por ele em algum momento esquecido de sua vida. Não por acaso, esta é a mais “arquetípica” das músicas dele...

Zé Kéti contou que “escutou” “Máscara Negra” inteirinha e que teve de correr e desmontar um maço de cigarros, para ter onde escrever os versos e fixar a melodia, que, de outro modo, se perderia, da mesma forma como esquecemos os conteúdos dos sonhos após acordar.

O cineasta Fellini acordava para desenhar, como forma de lembrar e de registrar o conteúdo dos seus sonhos. Posteriormente, usava estes esboços para lembrar-se dos sonhos e usar tais “elementos visuais” em seus filmes.

E o que dizer dos estilos de trabalho

Em uma entrevista para a TV Cultura/SP, há mais de vinte anos, Chico Buarque, no auge do sucesso, relatou que partia da letra trabalhada e a musicava, compondo a música à medida da interação desta com os versos – não por acaso, e sim, em consonância com o seu tipo psicológico, aventurou-se na literatura.

Caetano Veloso, também presente na entrevista, testemunhava que, em seu processo de criação, tinha como ponto de partida que, por sua vez, “imagens auditivas e musicais” sobre as quais somavam-se as palavras, as quais ele raramente tomava como ponto de partida do seu processo de criação. Com relação às palavras, diga-se de passagem, Caetano julgava-se, de algum modo, insuficiente (comparando-se a Chico, claro!) – não por acaso, Caetano aventurou-se posteriormente na linguagem cinematográfica.

Moral da história: Chico se recriminava e se dizia limitado, pois apenas se definia como um “musicador” de letras, e Caetano se considerava “inadequado” no uso das palavras. Ao que o entrevistador retrucou: “Estou então diante de dois frustrados!” E todos riram bastante disso...

Há autores (de qualquer arte expressiva) mais e menos atentos, mais e menos receptivos ao fator inconsciente, mas todos precisam reconhecer que – desde que a obra não se limite ao “eixo horizontal da consciência” e se abra uma porta para o desconhecido íntimo (um mer-

gulho introvertido com o concurso da imaginação, da fantasia e da intuição) – o fator psicológico ganha força e, proporcionalmente, aumenta a influência do inconsciente no resultado. Isso não depende, em nada, de o autor ser religioso, ateu, místico ou materialista.

Talvez nos escape – da atenção treinada consciente – um componente importante, ao interpretar a obra escrita apenas sob um ponto de vista intelectual: o foco de atenção e de concentração do processo criativo do autor, qual seja extrovertido ou introvertido.

Na obra introvertida, o ponto que cabe ressaltar, como importantíssimo no resultado da obra é a INTENSIDADE do diálogo do pensamento dirigido do autor com o inconsciente e o fato deste diálogo (discussão íntima do *eu* com outros componentes do inconsciente do autor) ser o fator estabilizador de uma relação vitalizada pensador/fonte criativa, a ponto de atrair a participação e o envolvimento do leitor nas peripécias, nos desafios e soluções. Essa INTENSIDADE também é sentida por quem tem a direção extrovertida, porém, com uma diferença fundamental: ela é vista (projetada) na experiência concreta do mundo.

O que estou procurando demonstrar é que *se* a conexão consciente/inconsciente está sendo exercida na vida íntima do autor – na direção introvertida do processo criativo –, *então* ela é replicada no universo íntimo do leitor.

O fato de o indivíduo leitor se identificar com a narrativa faz com que sejam aumentadas a sua anuência e aceitação da obra e, conseqüentemente, do autor.

Se o autor se “particularizar” demais, perdendo-se em opiniões e partidarismos pessoais, grupais, geográficos e raciais, essa anuência diminui, mas se ele se mantiver exemplificando valores universais e permanecer fielmente concentrado em fazer uma estrutura organizada e complexa, de modo representacional, do vivido e dos desafios que a todos atingem, essa anuência – por parte do leitor – acaba aumentando e se consolidando.

Nos relatos da experiência de criação intelectual, nota-se que qualquer autor ou artista que sofra o impacto da pressão inconsciente sabe ser cada vez mais frustrante – o resultado – quanto maior for o esforço consciente para “explicar”, “julgar”, “manipular com intenções de con-

trole” ou “categorizar a experiência”. Ao final, o autor, que explica e categoriza, sente que o objetivo original não conseguiu se manter: qual seja, o de servir como instrumento de revelação/realização para potenciais emergentes, necessários ao desenvolvimento e à evolução de sua consciência individual.

Nesse sentido, dá-se o nome “viver a lenda pessoal” a um tipo de vivência psicológica que traduz, funcionalmente, a integração consciente/inconsciente. Ou seja, quando o pensamento dirigido se vê instrumentado por forças inconscientes, tornando-se responsivo e aberto a planos sutis, irracionais, simbólicos, intuitivos, fantasiosos e da imaginação criativa.

Psicologicamente, quando se usa a expressão “viver a lenda pessoal” significa que a conexão com o plano vital inconsciente está forte e intensa, a ponto de a pessoa sentir que algo de numinoso está rondando seus atos e suas escolhas, assim como esta ENERGIA parece insinuar-se, em seus atos e atitudes, propondo uma experiência vital da função racional (vulgo pensamento) e do poder de decisão individual.

Uma característica sempre presente nestas ocasiões é que a vivência/experiência adquire uma INTENSIDADE muito superior à que se experimenta nas situações comuns da vida cotidiana.

Para concluir, me servirei de uma imagem simbólica, englobando, em uma cena mítica, o sentido central de minha argumentação: de nada adianta nos firmarmos na alvorada do pensamento humano, assim como de nada adianta nos enraizarmos no pensamento vespertino humano, pois existem ambos, tanto o poente quanto o nascente, existe dia e existe noite, luz e sombra, quente e frio, masculino e feminino. Não faz sentido algum a atitude maniqueísta de eleger qual é o melhor ou mais correto, pois o desenvolvimento do pensamento humano parece apontar a necessidade da integração psicológica de TODOS estes potenciais humanos. Nesse contexto integrativo, o sentido extrovertido da consciência não é o *certo*, nem o seu oposto, introvertido, o *errado*.

O conhecimento humano moderno, para evoluir, depende de que se atinja a compreensão de ambas as condições, a integração de todas as polaridades, a união alquímica dos opostos.

As diferentes versões que possamos nutrir em nossas opiniões e julgamentos sobre o mundo, com freqüência, são motivadoras de diver-

gências intermináveis, pelo simples fato de que, cada qual (indivíduo ou grupo) acredita que todos os outros pertençam ao mesmo tipo psicológico e que sigam, portanto, a mesma orientação da consciência e as mesmas potencialidades do seu tipo psicológico.

Estão aí, disseminadas, as guerras de opiniões, de versões, de religiões e de pontos de vista aparentemente inconciliáveis, de todo tipo...

O maior desafio é o de conseguir desenvolver conceitos funcionais que não constituam um sistema fechado em leis e axiomas indiscutíveis, mas sim elaborar descritivamente um sistema que nos permita compreender, o mais possível, a imensidade de possibilidades de expressão – de potenciais emergentes – de que todos somos capazes.

Os tipos psicológicos mais variados apresentam diferentes características, tanto no seu peculiar processo de criação, quanto no efeito diferenciado que suas obras exercem sobre os leitores.

Todas as comparações, julgamentos ou categorias para julgar umas e outras estruturas do pensamento são de valia relativa, porque, de fato, não são assim tão intercambiáveis e não se comparam.

É neste terreno, deveras difícil, que Regina Lúcia de Araújo se aventura neste livro.

Faço votos de que essas iniciativas se multipliquem e que os estudos da literatura deixem de ser, com o tempo, o reino exclusivo de especialistas no pensamento discursivo/intelectual/verbal já que, aqui, procurei demonstrar a necessidade de uma abordagem mais ampla e isenta de partidarismos historicamente condicionados, consolidando uma abertura para o estudo de TODAS as alternativas e possibilidades de sermos homens pensantes e inteligentes.

Luís Alfredo Vasconcellos
Professor e psicólogo, com prática em psicoterapia
junguiana e interpretação de sonhos

INTRODUÇÃO

O Signo da Lenda Pessoal e a Narrativa Didática

Paulo Coelho: *o signo da lenda pessoal*. Começo pelo título desta obra. O signo da lenda pessoal é um mito que representa a temática básica veiculada em todas as narrativas de Paulo Coelho. Ele encerra todos os componentes de seu procedimento narrativo e a maneira pela qual este dirige a elaboração do texto no leitor. Também, ao mesmo tempo, até que ponto as elaborações provocadas pelo texto são capazes de induzir o leitor à chamada busca de sua lenda pessoal, de maneira que seu discurso ficcional apresente uma universalidade eclética, ligada à cultura de massa da época em que se insere e capaz de agradar a milhares de leitores de culturas diversas.

Em seu processo de evolução, a literatura tem sempre utilizado os mitos tradicionais com fins artísticos. Isso pode ser observado em seus primórdios e, sobretudo, no século XX. Vários autores têm recorrido à mitologia como instrumento de organização artística da matéria e meio de expressão de certos princípios psicológicos considerados eternos ou, pelo menos, modelos racionais estáveis de cultura. Alguns teóricos da literatura, como Frye (1973), descrevem a arte em termos de mito e ritual e falam das narrativas que recuperam formas primordiais, recriando-as.

Lembremos que o mecanismo da cultura funciona como memória coletiva, uma vez que a armazenagem de informação coletiva depende

SILVA, Gilberto Lucio. Mito e literatura: temática e contexto em narrativas de massa. GT4 Simbolismo, Imaginário e Representação Social. In: VII ENCONTRO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE-NORDESTE – ABANNE – UFPE. *Resumos...* Recife, 2001, p. 106.

SAMUEL, Rogel (Org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SODRÉ, Muniz. *Best-Seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1988.

SOUZA, Ednéia Barboza de. *Um conto de fadas moderno: o alquimista*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – PUCRS, Faculdade de Comunicação Social, Porto Alegre, 2001. 166 f.

SPINA, Segismundo. *Normas gerais para trabalhos de grau*. São Paulo: Fernando Pessoa, 1974. 51 p.

STONE, Joshua David. *Mistérios ocultos*. Tradução Clara Alterman Colotto. São Paulo: Pensamento, 1995. 304 p.

TÁVOLA, Artur. *Comunicação é mito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Tradução Carmen Grisci et al. Petrópolis: Vozes, 1995. 425 p.

TODOROV, Tzvetan. *Les genres du discours*. Paris: Du Seuil, 1978. 310 p.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes. v. 1. 2001. Tese (Doutorado). Katholieke Universiteit Leuven. Faculteit Letteren. Leuven, 2001.

USPENSKY, Boris. *A poetics of composition*. Los Angeles: University of California Press, 1983. 177 p.

WEISSTEIN, Ulrich. *Comparative literature and literary theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1973. 340 p.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1955. 380 p.



© Aleixo Nuss Oliveira

Regina Lúcia de Araújo, Mestre em Letras e Linguística, com ênfase em Teoria da Literatura, pela UFG e doutoranda em Literatura Brasileira na USP, é professora na Faculdade de Letras da Universidade Católica de Goiás há 20 anos. Autora do livro *Presente de Meiga* e de vários artigos publicados em revistas, é também pesquisadora nas áreas de Letras e Holística. Atualmente, faz especialização em Psicologia Transpessoal, com abordagem corporal, no Instituto Serra da Portaria (Paraúna - GO).